Quem esteve próxima a saborear das casas
bolichos estradas pelas quais passou Cuandu,
a narradora, supôs que identificá-las
ajudaria a leitura destas Louças. A busca foi vã.
A escritura fez delas ostras. Fatos lugares gentes
ainda que pensadas parentesuas (de quem lê)
pertencem à dimensão do mundo de Cuandu.
Aí o eu o tu e o nós estranham a mesma concha.

*Ilhas às vezes são habitadas por pombas*
*escuras. Outras vão caindo, lavando feridas, velhas*
*imundícies; então são de água.*
Georgina Herrera

# primeira parte

# I

*Bom dia estou vendo com alguns familiares para me ajudarem pagar o velório da Mãe Eluma ficou em 2,770,00 eu entreguei 1450,00 E ficou 1320,00 para junho dia 08, o pablo e a Meine vão ajudar, pois tenho a água dela e luz que eu vou desligar e mais uma conta de roupa que ela fez em janeiro com uma irmã da igreja as roupas falta 256,00 pois eram 7 de 64,00 está faltando 4, luz e 46,00 + água metade dela, metade Maria Antônia RS 167,00, Se for possível me ajudar toda ajuda é bem vinda.*

Sobrou isto de sua morte. As contas impagas. Luzágua blusas calças-saias camisetas *jesus também te ama* compradas a prazo de uma irmã da igreja, tão pobre quanto convicta da superioridade carola. Coisas pequenas tão enormes para aquelas que as suportam, para as que ficaram com o dever de pagar, de manter limpo seu retrato. Conta de celular? Não sei, acho que não usava.

O legado dessas contas me dói feito sapato de salto fino bico apertado. Dele não posso abrir mão, como não posso renunciar ao medo de um final supostamente pequeno, supostamente mesquinho, num hospital onde tudo falta numa cidadezinha que não se decide entre nome de santa nome de ana ou de liberdade. Temo que a vida me seja cortada com faca de cabo de prata, que a morte cara de vaca, capa vermelha espartilho vermelho, olhe para mim pelo espelho e me meta sua língua cor de melancia. Temo que a vida me seja cortada mesmo sem faca. Fim pequeno de uma vida que pereceu pequena. Tudo isso eu temo.

Mas foi assim como agora penso?

Posso pensar minhatia pelo que de mim eu temo?

Não estive em seus últimos dias. Ela não esteve nem no começo nem na metade dos meus. Recebi um aviso — *E com tristesa que estou te avisando que a Tia faleceu a gora as 22h*. A sensação de que fui ausência funciona no modelo de máquina de cortar ossos. Ou de fazer guisado para acoutar[1] lenta e simetricamente o sentido de culpa. Ou de vergonha. Sei disso, pero paciência. Nenhuma autoridade jurídica ou eclesiástica disse que ela deveria ter estado comigo em tais momentos ou que eu deveria ter me sentado à cabeceira de ferro de sua cama de enferma, pernas cruzadas saltos quebrados de bico fino, no ato do corte disso tudo que foi tanta miudeza.

Transmiti ao portador da má notícia meu pesar.

*Foi-se sem dor para o descanso eterno*, *graças a deus* — me disse ele.

Para quem a azáfama doméstica sob o mando delicado das louças foi tão eterna quanto o céu, ainda receio que minhatia tenha de ser autorizada a transpor seus portões de ouro branco por um homem translúcido que manobra bem a frase-farsa de que ela está dispensada de pedir licença. *Entra, Eluma*, *apesar de nem tão boa e nem sempre de bom humor*, *tu não precisa pedir licença.*

Acho que, para onde se crê ter emigrado sua alma, existe quarto desjanelado, banheirinho, também desjanelado, e elevador titubeante entre os andares, apenas para as domésticas celestes que servem deus e anjinhos e santos, preparando-lhes cremes e sopinhas e doces de pelotas com os quais suas bocas de lobo se lambuzam — quindim bemcasado ninho camafeu papo de anjo olho de sogra pastel de santa clara trouxas de amêndoas fatia de braga queijadinha broinha de coco beijinho de coco panelinha de coco — todos transformados em cocô. Para as gentes dos céus não existe pecado da gula. Nem do dinheiro. Minhatia, a cozinheira a doceira mão e mando da cozinha. Minhatia, também a faxineira a lavadeira a limpadeira mão e mando da lavagem secagem lavagem secagem, e de novo a eternidade inteira. É provável que, com suas vozes sussurradas de doçura, as santas, intermediárias entre deus e as serventas, exijam cuidado com a limpeza da louçaria portuguesa.

[1] *Acoutar* significa asilar. A narradora elegeu essa palavra em razão de ser usada nos anúncios de fuga de escravizados nos séculos XVIII e XIX no Brasil.

Centenas de vezes fui ao casarão onde aqui, no mundo dos vivos, minhatia servia. Ia cumprir mandado da abuela. Eu geralmente carregava recados urgentes dela — da morte de um parente — ou ia recolher restos de coisas que os patrões de minhatia não mais queriam e, para desentulhar os armários de suas comodidades mid-century modern, doavam-nas para as casinhas enegrecidas, como se fossem o crânio de um morto que desqueriam ter o trabalho de enterrar. Há pouco, num desses programas de decoração com os quais gosto de me torturar sonhando com casa que jamais terei, descobri que o estilo do casarão mid-century leva esse o mid-century. Telhado horizontal painéis de vidros grandes imensas áreas de lazer com espaço para piscinas, formas orgânicas que valorizam a iluminação e a paisagem natural, tudisso tudinho para os donos donas e doninhas.

Aos meus olhos a casa não passava de uma casca de noz da grande boca do mundo no fundo da qual eu gostaria de me aconchegar. *Enugbarijo tentou dormir em casa, mas a casa era pequena; Enugbarijo deitou-se na varanda, a varanda era pequena; Enugbarijo deitou-se na casca de uma noz, aí por fim pôde estender seus membros.*[2] Na época, eu ouvia falar mal de *Enugbarijo,* de modo que a frase casca de noz deve ser contemporânea deste escrito e encobridora de pensamento contrário que hoje eu teria vergonha de revelar. Minhanalista diz que toda a lembrança encobre outra cena, por certo vergonhosa; ela diz que a lembrança funciona em nós qual roupa barata e gasta, qual vestidinho de tecido de chita estampado por florzinhas amarelentas desnomeadas que cobrem um corpo constrangido de suas vindouras tetas opíparas.

A mid-century não ostentava tetas opíparas. Ela ocupava toda a esquina no centro da cidade com nome de santa, bem na fronteira seca com a cidade que carrega nome de general, ao norte do país do rio dos pássaros pintados. Eu atravessava seu longo jardim de entrada furiosa com minhavó que me havia feito caminhar até lá num calor de fogão a lenha. Ou num frio de picolé de limão. Quase sempre eu achatava

[2] Oriki de Exu. Adaptação de Adriano Migliavacca a partir de tradução de Pierre Verger no livro Notas sobre o culto dos orixás e voduns. A palavra Exu foi trocada pela narradora por Enugbarijo (a grande boca do mundo), epíteto desse orixá.

sob o dedão do pé esquerdo a tentação de arrancar jasmins e de levá-los comigo. Vovó costumava pôr ramos dessa *flor da terra* dentro dum copo de água em cima da mesa de luz que ladeava sua cama de viúva. À noite, o perfume assombrava o quarto. Eu tinha a impressão de que morreria sufocada.

Há falsos jasmins. Vovó gostava mesmo do jasmim não venenoso, com folhas ovais brilhantes e cinco ou seis pétalas, nascido de um arbusto espesso. Esse o jasmim verdadeiro, nascido de gesto de amor da *senhora dos jardins*. Ela removeu da lama os vestidos das estrelas e os transformou em pequenas flores perfumadas, chamadas de *estrelas da terra*. Estou numa época em que não mais sei se gesto se escreve com gê ou jota, por isso me perdoe, leitora, se o erro passou pelo revisor.

A história é mais ou menos assim. A mãe das estrelas, lá no seu palácio de nuvens, arrumava das filhas as roupas douradas, feitas por uma nobre costureira — *a senhora dos jardins*. As pequenas estrelas achavam a roupa ou muito apertada ou muito grande, ou muito lantejoulada ou muito opaca; uma queria a roupa com miçangas, outra com búzios da cor da água. A mãe das estrelas estava atordoada com a malcriação quando seu marido, furioso com o tratamento que as filhas destinavam a ela, jogou todas as roupas da discórdia na terra enlameada. Então, com pena, a *senhora dos jardins* interveio e fez jasmins dos vestidos de lama.

A *senhora dos jardins* jamais interveio nas malcriações que tia Eluma, chamada de Ioiô por seus brancos, tinha de suportar deles. Apesar de sempre crianças, ainda que tivessem cento e dois anos, nem eram tão estrelas quanto se pensavam nem tão perfumados quanto seus jasmins. Estavam mais para lentilhas cruas do que para lantejoulas.

Eu ia levando vocês à casa deles e peguei um desvio na lama da história contada por minhavó. Retorno, então, sem me desculpar pelo barro que se prende ao fundo dos meus pés.

Atravessado o jardim, eu parava em frente ao portão. A frase me lembra música de cantor muito apreciado pelas vizinhas da minhavó; certas frases e certas pessoas andam por aí como se tivessem donos. Em frente ao portão, me ajeitava um pouco. Passava cuspe na ponta dos dedos indicador e médio da mão direita. Levava os dedos assim umedecidos no cabelo para acalmar sua falta de mansidão.

Quase um filme de terror, minhas idas à mid.

Tia Eluma temia que seus brancos me vissem.

Eu temia ser vista pelos brancos de tia Eluma.

Pronta, cuidando para não imprimir força, cuidando para que fosse de mansinho, eu apertava a campainha redonda que ficava dentro da boca de um cão de mais ou menos metro e meio. O cão guardava a mid e sua saída. Eu o temia mais do que temia os brancos seus donos, embora o cão também fosse branco e dono. Guardado meu medo no meio das tranças, minhatia aparecia de esguelha, também de mansinho, mantendo o corpo miúdo no titubeio entre sair e entrar, de forma que metade dele ficasse para o lado de dentro da mansão e a outra metade para o lado de fora.

Falávamos rápido. Parecíamos duas wérewère planejando fazer caquinhos das louças de dom joão vi. No início da madrugada, quando a dona o dono e as doninhas estivessem na tranquilidade de seus lençóis de linho branco, eu e minhatia invadiríamos a mid feito duas guerrilheiras tupamaras. Porém, enquanto as tupamaras de raiz assaltavam bancos, clubes de armas e grandes comércios para distribuírem o produto saqueado aos pobres do país do rio dos pássaros pintados, nós, que já tínhamos sido saqueadas, Yaa Nana Asantewaa ludibriada, e não tínhamos mais para distribuir além do corpo fragmentado, rodaríamos e rodaríamos com os braços em posição de asas em voo, no sentido horário sentido anti-horário sentido horário com mais força até ficarmos tontas e batermos as mãos fechadas em todos os armários aparadouros mesas do casarão. Os golpes levariam ao chão anaquéis com pimenteiras taças de vinho travessas sopeiras jogos de xícaras para café da manhã jarros chineses jogos de pratos redondos de porcelana branca encaroçada decorada com esmaltes nas cores habituais da família rosa. Concluído o serviço dos pratos, faríamos as esquálidas bailarinas que adornavam as estantes espatifarem suas caras bobas no chão de quartzo. No final da madrugada, nossos pés descalços pisariam os cacos de todas as louças tombadas. O cão que guardava a saída, também espatifado.

A senhora tinha orgulho de anunciar aos quatro ventos que adquirira as louças numa viagem que fizera à cidade de açúcar, no centro do país

das maravilhas. Ela não se cansava de dizer que comprara, em leilão, um dos mais belos jogos de louças de jantar da história da humanidade. As peças faziam parte do serviço dos pavões, coleção real de altíssima qualidade feita em porcelana de pasta dura, confeccionada no país do imperador qianlong, sob a encomenda do continente da mulher que amou (ou foi estuprada por) um boi da cara branca. Comercializado pela companhia das índias ocidentais, junto com as gentes amontoadas nos porões de seus navios, o serviço dos pavões chegou às terras dos antepassados da senhora. A companhia comercializava as gentes e parte dos serviços que a elas seriam atribuídos. Uma dupla competência. Uma verdadeira realeza. O então príncipe regente trouxera consigo as peças para o que ainda não constituía o país das maravilhas quando da fuga de sua família do continente da mulher que amou (ou foi estuprada por) um boi da cara branca.

As louças, leitora, não equivalem a cadeiras mesas relógios de parede anéis baldes de água fria esfregões de aço frigideiras panelas de arroz queimado ou outras coisas que moram em nós como extensões de mãos ou pés ou bocas ou pescoços ou dedões dos pés, sem que nos demos conta de que tão somente retrato de nosso corpo desmontado. As louças são os ossos que sustentam a verticalidade do esqueleto. Se uma delas for quebrada ou lascada, o esqueleto se desmontará.

Minhatia odiava manter dentro de casa qualquer louça quebrada, pouco ou totalmente. Se houvesse prato lascado cristal trincado, atirava imediatamente na boca do lixo. Salvas do destino canibalero, apenas as peças vindas da mid-century — enquanto doava seus cacos para minhatia, a madame presenteava suas pares das casas de família, a quem pretendia impressionar, com louçaria da marca royal, tradição da realeza da dinamarca, de quem afirmava descender diretamente pela linha paterna.

As peças das quais tia Eluma era donatária se guardavam num armário antigo de madeira de lei que guarnecia a cozinha da minhavó. Eu o queria para mim, amante de suas portas de madeira, majestosas e envernizadas, dos espelhos em cada uma delas, das prateleiras que sustentavam os pratos. O guarda-louça, como dizia a abuela, gozava de uma enormidade que eu queria alcançar. Depois da sua morte, não sei o que

foi feito dele. Seu corpo desapareceu feito gente assassinada cujo cadáver se esconde. Não pude nem lhe sofrer o luto. Talvez tenha virado lenha.

Eu gostava de remexer o lixo para salvar louças que tia Eluma abandonava. Cheguei a montar um armário com elas no pátio, perto da amoreira. Tijolos e pedaços de madeira branca que rolavam ao redor da casa. Cuspe lodo cocô seco. Estava pronta a argamassa. Montei duas prateleiras. Aí depositei um a um os corpos resgatados. Tinha minha própria coleção serviço de pavões. Quando tia Eluma viu, num supetão, mandou aos céus os pavões, agora virados abutres. Dava azar manter louças quebradas. No entanto, minhabuela guardava no armário rosa-antigo, com forro de compensado, no comedor, restos de pratos xícaras copos que, caídos da concha de suas mãos lavadeiras, se espatifavam no chão vermelho acimentado da cozinha. Maneira muito sua de manter a querela com tia Eluma.

Mesmo contra sua vontade, minhabuela, grávida, tinha de acudir aos toques dos orixás. Só a terreira parecia acalmar tia Eluma, que se agitava em seu ventre. A abuela deixava o lavado no arroio e ia a pé, seguindo com a pupila esquerda um joão-de-barro que sempre passava dando voltas até virar memória na distância. Então ouvia novamente o toque de um tambor, uma voz ordenadora saindo de entre o couro e a madeira. Ela sabia o que ordenava o toque, mas se sentia em pecado, pois já era uma mulher de cristo.

Tia Eluma nasceu preta e se criou preta batuqueira. No entanto, morreu como mulher branca da igreja dos comensais da mesa de deus, mas não totalmente. Quando do seu desligamento da terreira, Mãe Blanca se negou a lavar ou mandar lavar as obrigações dela. Nem com água pura nem com sabão de coco; nada — e de nenhuma forma — seria lavado.

Anos depois do corte de sua relação com os orixás, quando foi batizada na igreja dos comensais, o pastor disse que a água do batismo levaria lavaria limparia qualquer serviço feito anteriormente. *Respondeu joão a todos, dizendo: eu, na verdade, batizo-vos com água, mas eis que vem aquele que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de desatar a correia das alparcas; esse vos batizará com o espírito santo e com fogo; lucas capítulo três versículo dezesseis.* Minhatia, tão desconfiada quanto eu, primeiro ficou com sérias dúvidas

sobre a palavra alparcas; talvez fosse o mesmo que alpargatas, mas não sabia. Depois ficou com seríssimas dúvidas sobre a tal purificação, a tão grande humildade de joão, o fogo e o santo espírito. Contudo preferiu manter silêncio para não despertar a ira de seu novo senhor.

Por isso, não sei se a entristeceu seu féretro não ter sido ninado como se nina um bebê, não sei se a entristeceu desouvir a batida chocha do tambor, desouvir os axexês da capela do cemitério à cova, não sei se a entristeceu suas imagens de orixás não terem sido respeitosamente quebradas, suas guias não terem sido respeitosamente estouradas, não sei se a entristeceu nada ter sido aposto debaixo do seu travesseiro de cadáver, nem búzios nem mel. Os lenços brancos que em sua despedida abanariam o que houvesse de mal ficaram sobre a mesa de jantar da mid-century, sujos com a gordura da boca dos patrões.

Patrão patroa negro branco preta negra retinta serventa são palavras esvaziadas cujo sentido é dado pela sujeita, no caso, por mim, pois nada estaria pronto salvo o almoço do senhor e da senhora. Salvo quanto ao almoço, devo ter ouvido isso de minhanalista, o que não significa que ela tenha dito — o que os ouvidos ouvem nem sempre a boca diz, ainda mais se estiver cheia de comida. Os porcos fome-fome-fome sabem mais disso do que eu.

Não quero invadir o terreno reservado à analista ou rechaçar a interpretação, mas não inventei os sentidos correntes de negro e de branco e nem gozo da brancura das porcelanas para me beneficiar disso que está aí bem antes e bem sentado. Talvez seja assim para os brancos, mas de quem sofre a negridão se exige a fórmula de outra frase que ainda não sei qual será. Talvez o soubesse o crânio do cavalheiro completo que minhatia conheceu e que ela mesma enterrou.

❖

*Se qualquer uma de vocês pisar o dedão do pé, direito ou esquerdo, em qualquer cômodo do interior de qualquer das casas de família, nunca mais sairá; hoje vocês não sabem o que isso significa, mas, se não me ouvirem, saberão.* Foi o que sentenciou o oráculo de *não existe água em que matamos um rio* para minhadinastia.

Séculos mais tarde, num dia que renunciou à prorrogação das horas, qualquer das ancestras seguia distraidamente a tripa grossa de um rio, roçava seus pés nas águas frescas, recolhia os seixos rolados e os guardava, segundo o tipo, em bolsas de pano de estopa. Eram nove, de tamanhos variados. Nove, tingidas na cor do urucum. Numa bolsa, topázio; ágata cornalina em outra; jaspe numa outra bolsa; quartzo, apenas se fosse rosa, os demais devolvidos para a água. Esmeralda. *É essa a mesma água que qualquer água; é essa a mesma água que quer me seduzir.* Cantava. Ela também carregava uma bolsa especial, bordada com búzios pelas anciãs do mercado, para as pedras mais antigas, que sabia serem as mais redondas, pois rolavam e se atritavam com outras havia muito tempo. O granito seria destinado às fazedoras de esculturas; a granada vermelha e a safira, presentes para os dedos anelares de suas mães. O diamante ficaria guardado até que minhancestra pudesse criar destino melhor para ele.

*É essa a mesma água que qualquer água; é essa a mesma água que quer me seduzir.* Minhancestra caminhava tomada pela wanran wanran wanran omirosa dos seixos. De repente, vento forte, soprado da água para a terra, expulsou-a do rio, empurrando-a pela cintura através de porta majestosa de madeira de mogno a terreno lodoso onde sombras de vozes a

esperavam. Eram sete. Com cantigas para boi dormir, fizeram-na pisar com o dedão do pé esquerdo o cômodo embarrado cuja parede direita estampava brasão de prata com a inscrição *casa de família*.

Boi da cara branca pega essa menina que tem medo...
Boi
Boi

Minhancestra chegara aonde luz apodrecia.
Lá, a madrugada se esquecera de cortar as horas.

O que passa sob meus pés?
Parece que não há mais rio. Apenas lama.
Parece que o rio foge feito olho que não quer saber.
Parece que estremece o olho que quer ver.
Mãe, tu, que és lâmpada, faz com que o rio regresse.
Faz com que sua água me sustente.

Assim pedia minhancestra até suas pernas terem forças para iniciarem diálogo veloz. Contudo, a porta de saída estava guardada pelo cão tricéfalo; seu único rabo e a parte superior das três cabeças pareciam serpentes na forma de chicotes. Ou chicotes na forma de serpentes. Seu pelo, muito liso. Os olhos de um azul turmalinado.

quérberos da silva, o nome do cão que quase abocanhou por inteiro minhancestra. Para evitá-lo, ela teve de retornar ao interior da casa de família onde alguma sombra de paz recém-lavada já ajuntara e se apossara de suas pedras. As pedras paridas dos soluços do rio.

Nunca mais minhancestra saiu.

Nunca mais foi vista, nem mesmo sob a luz da chuva.

Isso o que suponho ter ouvido do que me contaram.

Suponho também que o lugar reservado para minhatia murmurar comigo na mansão mid-century fosse próximo à entrada do quartinho das empregadas. Um sítio na penumbra, de fato, sem porta de saída, apenas de entrada, guardada pela estátua do cão marmorizado.

Ah, ia esquecendo do detalhe, minhatia usava uniforme. Soou meio estranho esse *Ah, ia esquecendo do detalhe*. Parece um falso esquecimento. Concorda comigo, leitora? Talvez o estranho seja não o esquecimento, mas a necessidade do uniforme, uma roupinha que, em vez de deixar tudo uniforme, redobrava a hierarquia entre quem manda vestir e quem se veste do mandado. Embora nenhuma empregada do casarão precisasse de uniforme para se distinguir dos patrões, minhatia usava vestido azul na altura dos joelhos, de corte seco e reto, dividido verticalmente por botões redondos de um azul mais escuro do que o do tecido, e lenço branco cobrindo sua cabeça pequena. Com a roupa feita sob medida para quaisquer corpos de criadagem, a tia ficava parecida com a bandeira do país do rio dos pássaros pintados, o sol seu rosto amarelo. Eu acreditava que ela fosse um pavilhão fincado em território inimigo. Pero no, a bandeira do país do rio dos pássaros pintados ali hasteada era apenas Ioiô. Um tênis vagabundo quase sem solado, de um branco semelhante ao do lenço, se destinava a seu pisar mansinho no interior da mid-century.

Acho que, realizada a profecia, parentaminhas, as que não se incluíam na categoria de serviçal em sentido estrito, despossuíam autorização — o chamado passe — para pisar os pés de barro no solo dos casarões, ainda que apenas nos seus pátios internos. Durante os quase dez anos em que atravessei o jardim da mid para levar recados da vovó a minhatia, o limite para meu corpo foi o do portão de entrada. Talvez por tolerância da senhora, a rua não tenha sido a fronteira entre Eluma e Ioiô, entre mim e os brancos aos quais ela servia. Talvez essa fronteira tenha sido minha sorte.

Se essa rua se essa rua fosse minha
Eu mandava eu mandava ladrilhar
Com pedrinhas com pedrinhas de diamante

Quase como no filme norte-americano de 1946, gilde era o nome da senhora da mid-century, patroa de minhatia, dona de quérberos da silva. Devia ser uma mulher fatal, pelo menos aos olhos enlouçados de suas criadas. Não me lembro de ter visto o filme, mas me lembro de ouvir

minhatia dizer que gilde se gabava dos antepassados. De nenhuma forma e nunca a alta dama se enrubescia da procedência de suas pedras preciosas.

Incompleta qual xícara de alça quebrada, mas tão metida quanto faca de cabo de madrepérola numa bainha encouraçada, um dia quase noite depois de terminado o servício interminável na mid de gilde, minhatia resolveu seguir o cavalheiro completo.[3]

A roupa faz o homem, dizia minhavó enquanto manobrava sua vassoura de palha para empurrar do pátio para a panela de ferro os corpos das andorinhas mortas perdidas da rota. Deve ser em razão desse dito que o cavalheiro completo vestia terno azul-cobalto, fechado com dois botões de madeira nobre. Às pupilas direita e esquerda de minhatia, parecia roupa cara. Com certeza não teria sido adquirida nas lojas dos turcos do centro da cidade com nome de santa, onde, naquele tempo, ela comprava as várias parcelas de suas blusas calçassaias camisetas. Aproveito para avisar ao revisor que, sim, são "as várias parcelas" de suas roupas, e não "em várias parcelas".

O cavalheiro completo se assemelhava ao patrão, marido da patroa de minhatia. Havia meses ela usava sua pupila esquerda para observá-lo passar pela calçada paralela ao casarão, repleto quase transbordante de sua completude. Na quebrada da rua, ele desaparecia num passe dado pela noite. Teria sido engolido por algum bueiro? Caíra num poço?

A completude do cavalheiro completo inquietava minhatia. Na completude apenas dele, parecia altíssimo cabelo preto muito preto liso. Diferentemente dela, que tinha apenas mãos e joelhos, todas as partes do corpo do cavalheiro completo estavam completas.

Enquanto minhatia o seguia pelas ruas, ele ralhava com ela para que voltasse ao lugar de onde tinha saído. Mas sua seguidora estava acostumada a fazer ouvidos moucos com o ralhar de gente que não fosse da mid-century. Além disso, desconhecia o que ele queria dizer com tal frase. Feito a bacia de porcelana que havia no quarto da abuela, ela não sabia de que fim de mundo havia saído. O completo cavalheiro,

[3] O "cavaleiro completo" se baseia em trechos de *O bebedor de vinho de palmeira* (1952), de Amos Tutuola, considerado o primeiro romance africano a ter repercussão internacional, traduzido para onze línguas, inclusive o português.

então, se cansou de gastar em vão a garganta e permitiu que Eluma o acompanhasse.

Caminharam muito até saírem do centro da cidade e se internarem na campanha, onde, num terreno de mato e pedras, pastavam uns porcos que gritavam fome-fome-fome. Pelo menos essa a frase ouvida por minhatia. Pode até ser que estivessem gritando outra coisa, mas os ouvidos são moldados à imagem e à serventia do corpo.

Parada 22

Continuaram caminhando pelo chão de mato e pedras e pedras e mato e porcos até que o cavalheiro completo que minhatia acompanhava arrancou fora de si seu pé esquerdo. Leitora, fique tranquila, ele não arrancou o pé esquerdo de minhatia, mas o dele mesmo, que, na verdade, nem dele era. O pé pertencia a outro e, nesse momento solene, ele o devolvia para quem lhe tinha alugado. Com a devolução do pé esquerdo, bem metido numa bota de couro de cano alto, o cavalheiro completo também fez o pagamento do respectivo inquilinato, equivalente a um salário mínimo de hoje, bem mais do que minhatia ganhava para servir aos seus brancos mais de doze horas por dia.

Parada 24

Andaram mais um pouco em linha reta. O cheiro de macela subia aos narizes das gentes e dos porcos. O cavalheiro completo continuava completo, embora manco, como se carregasse chaga na canela. As flores da macela se pegavam no azul-cobalto da barra de suas calças numa espécie de coroa que prefere a terra à cabeça.

Próximos a uma clareira, os caminhantes de quatro e de duas pernas pararam.

E, então, os de duas pernas fizeram das pedras seus bancos.

E os de duas pernas carnearam uma ovelha-ideal que dava sopa pelo mato.

E fizeram churrasco, os de duas pernas.

E, em sua completude, o cavalheiro completo fazia questão de tomar a frente no serviço de churrasqueiro.

E, para evitar a má digestão, tia Eluma tomava a frente na fazedura do chá de macela.

E os de duas e os de quatro pernas comeram até ficarem pesados.

E sobrou um pedaço da ovelha carneada.

O que eu não entendo é o motivo pelo qual carnearam a ovelha-ideal e garantiram a vida dos porcos, que, por sinal, me parecem muito chatos em sua fome incurável. Mas não pretendo cortá-los da história; daria muito trabalho reescrever tudo e eu tenho pressa. Melhor seria que eles tivessem sido carneados pelas gentes de duas pernas para a feitura de linguiça. E me perdoem as veganas e as vegetarianas, não estou pregando a morte dos animais, mas dizendo que, ao menos, nos parecemos aos porcos, esses que fuçam o lodo e depois são pendurados nas âncoras dos matadouros.

Parada 28

O completo cavalheiro entregou ao proprietário, junto com o pagamento do aluguel, o pé direito com que até então pisara. Número quarenta e três ou quarenta e quatro, o pé vinha socado num sapato preto de couro. Minhatia nem se apavorou ao ver o cavalheiro completo rastejando, estava bem mais preocupada em se livrar dos pega-pegas e das urtigas urticantes. Para ela, que se pensava tão incompleta, mesmo sem os pés, o cavalheiro completo continuava completo.

Parada 31

A caminhada prosseguia sempre em linha reta. Tia Eluma desgalhou uma pitangueira e espantou com a vara os porcos que continuavam os seguindo aos gritos de fomefome-fome. Logo em seguida, chegaram à estância onde o cavalheiro completo alugara o peito a barriga as costelas a cintura. Novamente ele os arrancou de si e devolveu ao dono com o respectivo pagamento. Agora não mais rastejava; pulava, a ponto de Eluma lhe dizer que se aquietasse um pouco, que não carregava nenhum bicho-carpinteiro no corpo. Ocorreu a ela que as costelas do cavalheiro completo não pertenciam a ele nem a adão e muito menos a deus, que se mancomunara com o tal primeiro homem na invenção da história da costela.

Parada 33

Minhatia ordenhou uma vaca-holandesa das centenas que pastavam numa estância. Compartilhou o leite fresco com o cavalheiro completo, que ainda podia segurar o caneco, e com os porcos. Nesse campo, o sem nenhuma perna havia alugado os dois braços fortes que, com a ajuda de tia Eluma, arrancou de si, pagou e devolveu ao proprietário.

Parada 37

Continuaram caminhando, saltando, pelo rincão de matos e pedras e porcos até alcançarem a estância onde o cavalheiro completo alugara o pescoço. Ali havia muita carqueja e, antes de dar uma mão para o cavalheiro completo arrancar o pescoço — ele não tinha mais os membros superiores —, tia Eluma fez e tomou muito chá dessa erva. A abuela dizia que a carqueja cicatrizava feridas.

O cavalheiro completo estava reduzido ao cheiro da carqueja e à completude da cabeça que sabia de outro.

Parada 39

Chegado ao campo onde deveria devolver a carne e a pele que forravam sua cabeça, incluídos os olhos, ele pediu a tia Eluma que as entregasse ao proprietário, juntamente com o dinheiro. Ele, cavalheiro completo, já não podia mais nada. Estava virado apenas num crânio.

Parada 51

Na última parada, tia Eluma cavou com as mãos o buraco na terra que seria a última morada do cavalheiro completo. Nenhuma surpresa. Ele tinha o corpo desmontado feito um conjunto de louças retiradas do armário.

No percurso de retorno à sua casa, minhatia aceitou de bom grado a companhia dos porcos gritões. Quem me emprestará cabeça pés coração dois braços para esta longa viagem de retorno? E depois quem me emprestará mãos lenços todas as vasilhas do mundo quando tantas

lágrimas velhas me deem a salobra bem-vinda?[4] Ela retornava, cantando esse samba, apesar de achar que as lágrimas velhas lhe eram completamente estranhas.

Estranho foi tia Eluma recolher de cada estância, junto a cada alugador, os pedaços do corpo que o cavalheiro completo havia devolvido e pago. Ela procedeu ao feitio de quem recolhe caquinhos de louças. Não pagou em dinheiro a devolutiva, prometeu sorte e amor a cada um dos estancieiros. Retornada ao buraco onde o crânio repousava, montou o corpo como se organiza um armário.

Quase no fim da madrugada, encontrou a rua do enforcado onde morava com sua mãe, minhabuela Anagilda. As duas cercaram os porcos no pátio, longe do arame de roupas, comeram mais uns pedaços do assado de carne de ovelha e o sono as envolveu. Os porcos continuaram gritando fome-fome-fome. Tia Eluma passou a entender que a fome era da natureza da porquidão deles.

[4] Baseado no poema "Dúvida", de Georgina Herrera (livro *Cabeças de Ifé*, Escola de Poesia, 2021, traduzido por Eliane Marques).

❖

Malte de cevada lúpulo levedura, 2 a 6% de extrato residual 2 a 6% de etanol 0,35 a 0,50% de dióxido de carbono e 90 a 95% de água. Os valores variam. Contudo, essa a fórmula da frase que tia Eluma talvez tenha encontrado para estender sua vida além do mármore da mid.

Ela bebia. Bebia muito, minhatia Eluma. Tomava tanta cerveja que se mijava nas bermudas de domingo agachada num cantinho da sala ou da cozinha, coluna vertebral pedindo apoio das paredes. Madrinha Lilite a levantava do chão de cimento pintado de vermelho como se levantasse um bebê. Dava-lhe banho de água morna na bacia grande de alumínio e colocava um ramo de arruda atrás de sua orelha direita. Todo esse rito era acompanhado de murmúrios velozes. A arruda servia para que todo o azar ficasse às costas de minhatia, para que todos os males da vida dela fossem espanados como ela mesma espanava o pó das coisas na casa dos outros.

Depois, minhamadrinha a deitava na cama de solteira do seu quarto sem janelas e, em busca de outros afazeres, a abandonava aí. Quero dizer que a madrinha, que não era apenas minha, deitava a tia, que era de todos, no quarto mesmo da tia. Ouvi dizer que um quarto, para ser considerado quarto, precisa ter uma janela, ao menos. Se assim é, nem sei que nome tem o cômodo em que minhatia era deitada para se curar da borracheira. A palavra borracheira não é o feminino de borracheiro. Trata-se apenas de forma mulherista de escapar de alguma realidade impossível de ser vivida o tempo inteiro em completa sobriedade.

Não sei quanto transcorreu entre a consubstanciação da cerveja em bíblia, entre a consubstanciação da tia que dobrava a rótula dos joelhos para fazer xixi na sala ou na cozinha na que dobrava a patela dos joelhos no chão das igrejas que ela mesma limpava para louvar o bom

pastor. Sei apenas que o milagre se deu. Mas me equivoco aqui, pois os ossos e a carne de minhatia foram arrebanhados por um pastor protestante da igreja dos comensais da mesa de deus. Das aulas de história no colégio de freiras onde cursei o ensino médio, a professora — baixinha de uns olhos azuis que eu queria e de família rica que eu também queria — explicava que o protestantismo substituiu a doutrina da consubstanciação pelo conceito de união sacramental. Durante a consagração, a substância do corpo e do sangue de cristo se uniria à substância do pão e do vinho. Permaneceriam juntos, feito unha e dedo, após a consagração e unicamente durante o sacramento. Essa parecia ser a relação entre minhatia e seus patrões num sacramento que jamais findava.

Interessantemente, o palavrão sagrado consubstanciação também é empanação. Tal palavra certamente fala mais do que a outra que acabei de mencionar. O corpossangue empretecido de minhatia passou a vida inteira empanando, quero dizer, embebendo no ovo batido e cobrindo com farinha de trigo a carne nobre (filé mignon ou alcatra) para fazer bifes à milanesa, o prato preferido da família servida por ela. Sinto agora o cheiro de ovo e tenho vontade de vomitá-lo. Ovo podre está fedendo ovo podre está fedendo...

A tia também empanava de outros modos; era mais múltipla no processo do que o próprio. Ela empanava passando o pano no chão da mid-century passando o pano nos móveis passando o pano nas louças passando o pano nas paredes passando o pano no que escutava e devia manter no seu oficial sepulcro. Pano seco. Pano com sabão. Pano com água sanitária. Pano com lustra-móveis. Pano com cera. Pano com anil. O único elemento relativamente variável no seu processo de empanação era o pano. Caprichosa como ninguém, se valia de muitos, um para cada cômodo do casarão, um para cada bunda de criança. Imagina, limpar uma bundinha branquinha com o pano com que se limpou a latrina e ainda utilizar o desinfetante industrial, o mesmo que a senhora comprou na promoção e que queimava a garganta, os olhos e as mãos de quem o usava.

A carne a ser consubstanciada em filé vinha da própria estância da família, administrada por seu dono, senhor joquinha, como minhatia a ele se referia de forma carinhosa. Nunca lhe vi a cara nem as botas,

mas creio que sua barrigona era bem empanturrada. E seus pés, tenho certeza, nunca se mostravam, protegidos por botas de aço. Esse homem, um total ministério. Eu pretendia escrever mistério, mas saiu ministério, o que dá no mesmo quanto ao culto à divindade. E não era apenas uma fazenda, e sim o quádruplo.

No início de sua carreira de gente enriquecida, o estancieiro criava, melhor, mandava seus peões criarem cavaloscrioulos ovelhas da raça ideal e bovinos da raça jersey. Depois, ele incluiu bovinos da raça holandesa para a produção leiteira. Tornou-se um dos maiores produtores de leite da região onde se situava a cidade com nome de santa. Quando de sua morte, provocada por um ataque cardíaco, as seis mulheres da família, suas filhas e esposa, receberam enorme herança. Tia Eluma era considerada da família, mas não para fins de pagamento pelo tempo que despendeu para que seu joquinha se dedicasse ao enriquecimento. Assim como os cavalos-crioulos bois-jersey vacas-holandesas ovelhas-ideal — o revisor teima em pluralizar o ideal depois de ovelhas —, minhatia tinha raça e não conviria que tivesse patrimônio. Permanecendo no lugar imóvel da serviçal, continuaria a ovelha ideal entre as ovelhas ideais, supostamente sem tempo e sem história que não a de seus joelhos dobrados.

Falando em joelhos dobrados, domingo passado assisti novamente a e o vento levou. Vi tia Eluma em Mammy, me vi em minhatia. As teóricas dizem que há diferença. Para mim, há muita semelhança. Me impressiona que brancos sulistas tenham sido senhores de escravizados empresários nobres farsantes bons bem-vestidos maus indiferentes esfarrapados estupradores ricos pobres que tenham tido filhos que esses tenham morrido que alguns tenham sobrevivido que as mulheres brancas tenham sido damas senhoras trabalhadoras empresárias prostitutas assassinas que tenham casado enviuvado abortado tido filhos; me impressiona que alguns tenham ganhado e outros perdido a guerra civil e que Mammy, durante esse tempo todo, tenha sido sempre a mesma solitária escravizada no vício do serviço. O que mudou na sua vida antes e depois da guerra foi apenas o cabelo, algodoando-se por debaixo do turbante negro, e a anágua, avermelhando-se por debaixo das

saias negras, presente do branco mais descolado do pedaço, o capitão mordomo.

Se tia Eluma não precisava da permissão de san pedro para transpor as portas do céu, Mammy também não; bastaria a anágua de tafetá vermelho, presente do rhett, tão dura que ficaria em pé, tão farfalhante que deus pensaria ter sido feita de asas de anjos.[5] Até a terra vermelha de tara mudou. Mammy não. A mesma no servício. Até as geadas nos campos da cidade com nome de santa mudaram. Tia Eluma não. A mesma no servício de puxar as fitas dos corpetes vermelhos das sinhazinhas pré-millenials.

Cometi um erro (outro). Geralmente pessoas como eu não podem contar com nenhum erro a seu favor; os nossos erros são sempre contra. Sob forte determinação de scarlett o'hara, eu gostaria de ter dito *cometi um erro*, em português, com a mesma sonoridade com que se diz a frase em inglês e ainda com sotaque sulista, I've made a mistake. Talvez eu pudesse escrever *eu errei um erro* quando disse que, no início de sua carreira de gente enriquecida, o estancieiro criava tais e tais animais de raça. Na verdade, eu não errei um erro, foi pura mentira mesmo, que não sei como se diz em inglês. A carreira de gente enriquecida dele obviamente começou com seus antepassados escravizadores de gente a quem se atribuiu uma raça.

Minhaprima Xuela diria que o pai do estancieiro foi um homem inglês que desembarcou do navio pelas próprias pernas, tropeçando de bêbado no rastro da miséria que deixara em seu encalço, almejando cumprir um destino de senhor, enquanto o povo de minhatia — e vejam a diferença entre homem e povo na boca de minhaprima — tinha sido retirado do navio como parte de uma horda, a mente esvaziada de tudo que não fosse sofridão, a cara o retrato da cara ao seu lado da cara ao seu lado da cara ao seu lado da cara ao seu lado, todos sem cara, descarados.[6]

Bom, volto, porque não sei se estou errando novamente ou mentindo pela primeira vez. É possível que os antepassados do estancieiro

[5] "[...] tão dura que ficaria em pé, tão farfalhante que deus pensaria ter sido feita de asas de anjos" — frase retirada do filme *E o vento levou*.

[6] Referência a *A autobiografia da minha mãe*, de Jamaica Kincaid, p. 109.

não tenham sido escravizadores, mas imigrantes sérios e trabalhadores que chegaram ao país das maravilhas no século dezenove ou mesmo no século vinte para substituir o trabalho dos negros de merda. Essa gente séria e trabalhadora e limpa como a branca de neve, chegando ao país das maravilhas com suas malinhas e relicários e o sonho de construir um lugar somente seu, recebeu lotes de terra arado juntas de bois sementes o perdão da dívida colona ou ressarcimento em módicas condições enquanto os antepassadomeus de minhatia receberam bota na bunda alcunha de vagabundos e portas cerradas, salvo se fosse uma portinhola pela qual passariam para logo deitarem o lombo na limpeza do chão das senhoras.

Certamente sou a retinta-ressentida que recolheu uma concha seca de caracol que rolava pelo quintal da abuela e a ajeitou no armário de louças improvisado com paus e tijolos. Deve ser por isso que me recomendaram análise. Deve ser por isso que sou alérgica ao leite e seus derivados. Eles me causam um inchaço tal na bexiga que não consigo fazer xixi. Sonhei uma vez que eu a tinha fatiado com a faca de cozinha. A alergia deve ser punição por eu ter falado que minhatia se mijava nas calças ou por ter inventado que seus patrões descendiam de escravizadores.